

# **Exposições Universais: Sociedade no século XIX**

Por: Ana Carolina Gomes, Priscilla Piccolo e Ricardo Rey

Este artigo fala sobre as Exposições Universais, que foram um reflexo das mudanças sociais do século XIX com o advento da segunda etapa da revolução industrial. Também apresentamos a participação brasileira nesses eventos.

## **Preparativos**

O período entre o fim do século XVIII e o começo do século XX, também é conhecido como o longo século XIX. Nesse período alguns países europeus (como a Inglaterra, França e Alemanha), e os EUA, lideram grandes mudanças na relação entre ciência e a sociedade na época, caracterizadas por forte valorização do sistema de ensino, com o intuito de profissionalizar e especializar os cientistas. Para isso foram criados cursos novos nas universidades, e matérias novas foram introduzidas nas escolas como Física e Química.

As máquinas inventadas na primeira etapa da Revolução Industrial junto das inovações tecnológicas marcam o início da segunda etapa da revolução industrial caracterizada por avanços na metalurgia, criação da siderurgia, consolidação do uso de eletricidade e o uso do petróleo. Transformando as técnicas de produção e criação de novos produtos e materiais.

Muitas empresas, e os próprios governos, começam a financiar as pesquisas científicas, para se tornarem mais fortes, tentando ganhar a dianteira na crescente competição internacional. O constante progresso tecnológico e o crescimento das empresas proporcionam uma nova imagem de poder, riqueza, luxo e modernidade. Para mostrar toda essa reorganização social e econômica foram criadas as Exposições Universais, que foram verdadeiras vitrines do mundo moderno e do ascendente ideal burguês, e dessa nova etapa industrial do século XIX.

## **As Exposições**

As Exposições Universais, ou Feiras Mundiais, foram auto representações populares da elite industrial, ricas em ideias e plenas em criatividade, uma demonstração da transformação nas relações comerciais do mercado mundial, do progresso visível e do início de um processo de auge econômico dos países industrializados tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

O objetivo dessas exposições era mostrar a força e a consolidação do sistema fabril ao grande público e às outras nações. Os avanços técnico-científicos, que antes só se viam nos ambientes das fábricas, puderam ser vistos e mostravam as mercadorias do capitalismo triunfante. Faziam-se exaltações à razão humana que se propunha a dominar a natureza, provando assim a superioridade do ser humano, principalmente o europeu.

Segundo Werner Plum, a sociedade europeia, liderada pela burguesia industrial, estava empenhada em dominar o mundo e, inclusive, criar um a sua imagem e semelhança buscando a expansão da civilização pela expansão dos bens industriais. Avanços nos transportes e na comunicação (ferrovias, telégrafo, navios a vapor) criavam, ou pretendiam criar, uma interligação amistosa entre as nações industriais, essenciais para a consolidação do capitalismo como sistema internacional.

Essas exposições eram ponto de interseção de setores que não costumavam mesclar-se: autoridades estatais e representantes da economia, da indústria, da ciência, da pedagogia, artes plásticas, religião e etnologia, de forma interdisciplinada. De acordo com Sandra Pesavento, mostravam tudo o que diz respeito à atividade humana, mas as máquinas e os novos inventos eram a atração principal. O ensino passou a ser institucionalizado e vulgarizado (no sentido de ampliação do acesso) para que os filhos da pequena burguesia (comerciantes, profissionais liberais) pudessem progredir e ter profissões que antes eram ofícios passados de um mestre para um aprendiz. A profissão de engenheiro na Inglaterra, por exemplo, só foi legalmente criada em 1898.

As feiras mundiais passavam a imagem de que o trabalho disciplinado tinha capacidades redentoras, a propriedade era a meta a ser alcançada por todos e o esforço individual era vital para o crescimento econômico do indivíduo e da nação. As nações industrializadas não europeias também participavam mas, com exceção dos Estados Unidos, não obtiveram muitos elogios como Canadá e Austrália. As colônias tiveram

seu espaço nas exposições, mas em sua maioria, a imagem passada era de atraso e exotismo.

A propaganda teve destaque no século XIX. O mundo tinha que ser convencido a participar, e foi o que aconteceu, as nações mostravam seus produtos recém-saídos das fábricas visando mais a difusão das novas ideias da época do que o lucro, a princípio. Na sociedade industrial os objetos não eram feitos para durar e sim para assegurar a continuidade do seu desenvolvimento.

Os romances de Júlio Verne exaltavam a capacidade inventiva do homem. No livro “A volta ao mundo em 80 dias” o personagem só conseguiu a façanha graças às evoluções nos transportes e nas comunicações. Em “Da Terra à Lua” a espaçonave era construída com alumínio, o autor previu seu uso em grande escala num momento de pouca valorização do material. Segundo Plum, suas histórias podem ser lidas como catálogos e introduções para as Exposições Mundiais.

Como exemplo da importância das exposições, mesmo para os contemporâneos, segue um artigo de jornal da época sobre a Exposição de Paris de 1889.

*“Com que espírito é preciso visitar a Exposição? É preciso vê-la com o mesmo espírito que presidiu a sua organização: é preciso vê-la para se instruir e para se divertir. Ela é para todo mundo, para todas as idades, para os sábios, assim como para os menos instruídos, uma incomparável ‘lição de coisas’. O industrial aí encontra os modelos dos quais ele saberá aproveitar. O simples passante aí toma uma ideia geral e suficiente das maravilhas, sempre em progresso da indústria moderna. Um pode aí encontrar o caminho da fortuna, pelos estudos dos processos aperfeiçoados de fabricação, outro aí encontra, com os objetos usuais colocados sob seus olhos, a satisfação econômica do seu gosto.”* *Guide Bleu du Figaro eu du Petit Journal. Paris. Exposition de 1889, p.5*

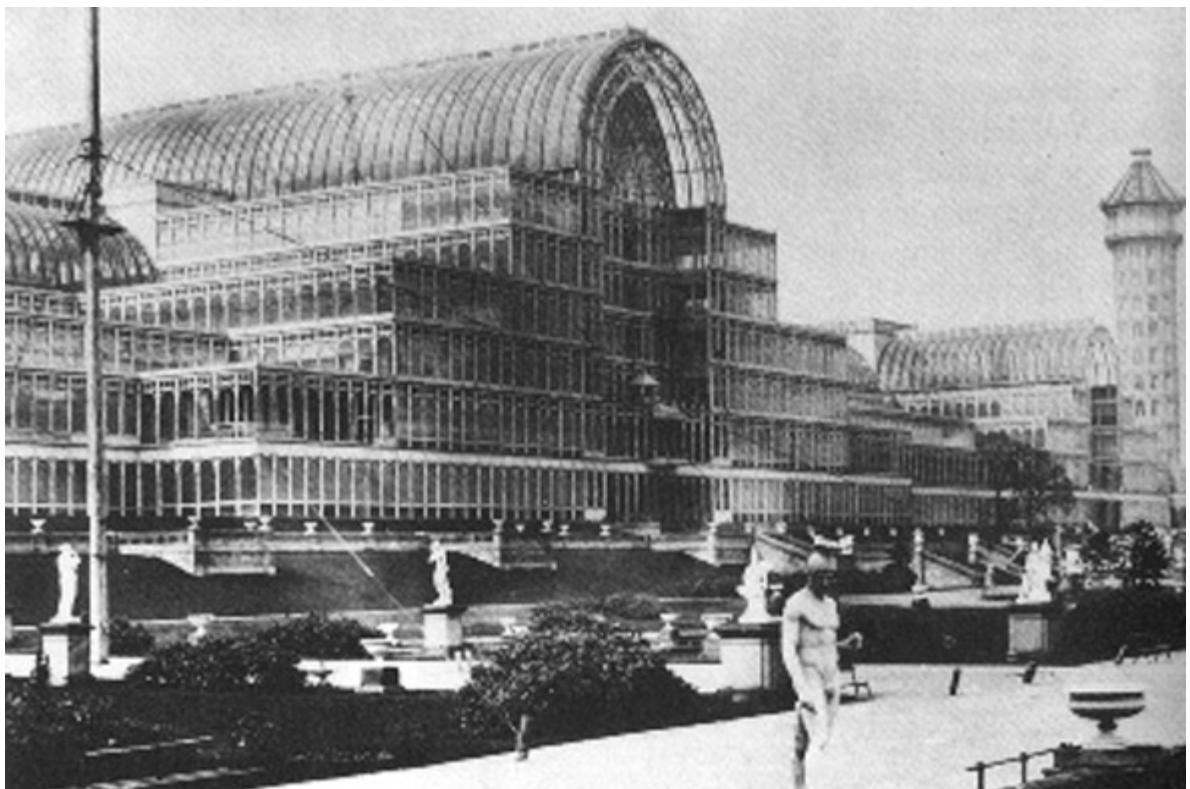
As principais exposições do século XIX foram:

### **Londres, 1851**

A primeira grande exposição ocorreu em Londres em 1851. Teve como símbolo o Crystal Palace, com 563m de comprimento, 124 de largura e 33 de altura, cujo projeto era de um antigo jardineiro, John Paxton. Era de ferro e vidro, a transparência era

valorizada, podia ser desmontado e aplicado a outros fins, da maneira mais econômica e racional possível.

Além de inventos, houve obras de artes e projetos como o do Canal de Suez que à época não chamou muito a atenção. Novos modelos de locomotivas e prensas hidráulicas foram apresentados, além de uma máquina de fabricar envelopes. A Inglaterra se julgava destinada a cumprir sua missão de líder mundial; por ser a primeira a fazer a Revolução Industrial tinha também que ser a primeira a ter uma exposição universal.



Crystal Palace, Londres, 1851.

### **Filadélfia, 1876**

Em comemoração aos 100 anos da Declaração de Independência Americana. Mais de 200 prédios foram construídos para a exposição que recebeu 9 milhões de pessoas. *The Centennial Tower* foi um projeto para essa exposição mas nunca foi construído. Um diferencial dessa edição foi o eficiente serviço para os visitantes e numerosos serviços de transporte de carga.

Foram mostrados pela primeira vez o telefone de Alexander Graham Bell e a máquina de escrever Remington.

### **Paris, 1878**

Essa exposição teve como símbolo a Estátua da Liberdade de Frédéric Auguste Barthold que tinha como objetivo expressar o pensamento de amizade duradoura entre os povos. A cabeça é um lugar panorâmico construído para receber visitas. Foi oferecida aos Estados Unidos em 1886, em homenagem à Constituição Americana.

As datas e lugares das feiras não eram escolhidas ao acaso, tinham um fim político. Em 1878 procurou-se mostrar o ressurgimento da França depois da Comuna de Paris e da derrota na guerra franco-prussiana no início da década. A Benjamin Peugeot foi dada uma medalha pela invenção da máquina de costura.



Construção da Estátua da Liberdade para a Exposição de Paris em 1878.

### **Paris, 1889**

Em comemoração aos 100 anos da Revolução Francesa, essa edição teve como símbolo a Torre Eiffel de Gustave Eiffel que servia de entrada para a exposição. 300m de altura, toda de ferro, apontava para os céus de Paris demonstrando racionalidade, modernidade e o progresso técnico além de transparência e penetração. Foi por muito tempo a obra arquitetônica mais alta do mundo. Assim como os outros monumentos, a torre não foi feita para durar.

Essa exposição seria lembrada por suas grandiosas construções, como a própria Torre Eiffel e a “Galeria das Máquinas”, que era o maior espaço interno já construído até então. Também é importante mencionar que uma de suas maiores atrações era um zoológico humano com 400 negros africanos cujo intuito era mostrar o ser humano primitivo.



Torre Eiffel e pavilhões da Exposição de Paris de 1889 vistos de cima.

### **O Brasil vai à Exposição**

O Brasil não ficou de fora das feiras universais, teve intensa participação em todas, porém, a mais importante foi a de 1889, quando ainda era governado por uma monarquia, tendo recebido um intenso apoio do imperador D Pedro II. Embora este não tenha mandado uma representação oficial do Estado, enviou um comitê representativo formado por empresários e jornalistas. A intenção ao patrocinar a exposição brasileira, era a de mostrar que o país era aberto aos emigrantes e também ao capital estrangeiro.

O pavilhão do Brasil se situava perto da Torre Eiffel, ao lado de outros países da América Latina. O pavilhão era decorado com elementos que ressaltavam as riquezas do país, mostrava que o país possuía terras ricas, porém não trabalhadas e que estavam à espera de europeus para cultivá-las e fazê-las produzir. Mostrava o país como solução para europeus insatisfeitos que tivessem disposição para trabalhar no Brasil.

O pavilhão era dividido em três andares, a parte principal tinha 400 metros quadrados e uma torre de 40 metros de altura. A “hispanidade” do pavilhão brasileiro, embora não correspondesse ao verdadeiro estilo arquitetônico nacional, refletia a visão do Brasil como integrante da América latina. Em sua decoração interna possuía doze esculturas de índios, do artista francês Gilbert, colocados sempre em pares, um homem e uma mulher, ao lado de todas as entradas do pavilhão, representavam os principais rios brasileiros (Paraná, Amazonas, São Francisco, Paraíba, Tietê e Tocantins), tal escolha de representação deveu-se ao fato dos rios serem nessa época as principais vias naturais de comunicação.

Possuía também longas bancadas onde eram colocados diversos produtos brasileiros para a exposição, tais como café, tabaco, minerais provenientes de Minas Gerais, peles, mármore, carvão de ferro, borracha, mate, algodões brutos, fibras vegetais têxteis, cereais, dentre outros produtos. Tais produtos se situavam no andar térreo para instaurar um quadro das riquezas naturais do Brasil e da fertilidade do solo para a agricultura. Também fotografias, além de gravuras e mapas, espalhavam-se pelas paredes do Pavilhão, como registro documental, com o intuito de tornar mais concretos certos aspectos do Brasil. Era o caso das fazendas de café para as quais se desejava atrair imigrantes.

No primeiro andar do pavilhão encontravam-se produtos manufatureiros feitos por indústrias nacionais, além de fios e tecidos, chapéus, sapatos e luvas, máquinas para chuveiros, aparelhos postais, entre outros produtos. No segundo andar, buscando mostrar requintes culturais, encontravam-se litografias, gravuras, livros, entre outros produtos. Era o andar que mostrava a cultura do Brasil letrado, completado com objetos da vida burguesa: malas e valises, vestuário e delicadezas em seda. Era um país erudito, iniciado nas artes, suficientemente “civilizado” para representar-se a si próprio de acordo com a ótica e as técnicas europeias.

No Brasil, a revista Ilustrada, trazia o primeiro artigo sobre a Exposição de 1889.

*"Desejando sempre acompanhar os acontecimentos mais importantes da nossa época, damos hoje uma interessante gravura da Torre Eiffel, comparada com a altura das maiores construções conhecidas. Concordamos que seria mais interessante ver o original. Já que, porém, não pode ser, contentamo-nos com esse specimen. Para nos consolarmos também é fácil dar um passeio ao Corcovado e de lá passar a vista pelo panorama que d'ahi se descobre, tendo a consolação de dizer, que, se a torre Eiffel está 300 metros acima do nível do mar, o nosso Corcovado está a 712... Mais do dobro!" (Começam a chegar... 1889: 3).*

O autor do artigo faz uma comparação mostrando a necessidade do homem em modificar a natureza com suas novas técnicas de modernidade.

## **Considerações finais**

Apesar da exaltação fervorosa da técnica e do desenvolvimento tecnológico, estes deixam de ser elementos unificadores da humanidade e as feiras passam a refletir a grande diferença entre as potencias (europeias e americana) e as sociedades não-industrializadas. Na grandiosidade das exposições não havia lugar para a realidade das fábricas, insatisfações dos operários, a corrida imperialista que explicitava a concorrência entre as potencias industriais por conquistar novos mercados e matérias primas.

O início do século XIX foi marcado pela filosofia e música clássica e romântica (Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Chopin). Em meados deste século, o tempo já era o da técnica, ciências naturais e indústrias. Nos últimos anos havia se tornado o século dos bancos, da concentração capitalista da propriedade dos centros de produção e das fontes de matéria prima. Tornou-se o século do imperialismo moderno. Com a eclosão da Primeira Guerra as feiras perderam o brilho inicial, tornando-se mais espaçadas e menos divulgadas, mas existem até hoje.



## **Filmografia**

- Curtas feitos do século XIX:

<http://www.youtube.com/watch?v=eiT8yPfQIuw>

<http://www.youtube.com/watch?v=oJffJgjdoro>

<http://www.youtube.com/watch?v=SxwVqLEJQQA>

<http://www.youtube.com/watch?v=n-4R72jTb74>

- Tempos Modernos (1936) de Charles Chaplin
- A Volta ao Mundo em 80 Dias (1956) de Michael Anderson
- Da Terra à Lua (1958) de Byron Haskin

## **Bibliografia**

- PLUM, Werner. Exposições Mundiais no Século XIX: Espetáculos da Transformação Sócio-Cultural. Editora Friedrich-Ebert-Stiftung. República Federal da Alemanha, 1979.
- KURY, Lorelai B. Entre utopia e pragmatismo: a História Natural no Iluminismo tardio. In SOARES, Luiz Carlos (Org). Da Revolução científica à big (business) Science. São Paulo-Niterói: Hucitec-Eduff, 2001. p. 105-153
- SZMRECSÁNYI, Tamás. Esboços de história econômica da ciência e da tecnologia. In SOARES, Luiz Carlos (Org). Da Revolução científica à big (business) Science. São Paulo-Niterói: Hucitec-Eduff, 2001. p. 155-200
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do século XIX. Editora Hucitec – São Paulo. 1997
- HOBBSAWM, Eric. A Era dos Impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 13ª edição
- \_\_\_\_\_ . A Era do Capital. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. 15ª edição